

PREFÁCIO:

A VOZ DO TROVÃO (A criação do mundo segundo os guaranis)

Kaká Werá

O projeto deste livro tem início após os estudos da herança espiritual da cultura ancestral brasileira, mais especificamente daquelas cujas origens remontam às raízes tupi-guarani, cultura nativa que habita milenarmente o Brasil e que antecede a formação do povo brasileiro; além disso, estendeu influências em inúmeros povos antigos nas terras sul-americanas.

Tais estudos reuniram professores especialistas na pedagogia Waldorf, um modelo de educação que tem sua origem na Alemanha, a partir de Rudolf Steiner, criador da Antroposofia; reuniu também educadores da Associação Monte Azul, integrantes do Instituto Arapoty (organização voltada para a difusão dos saberes ancestrais do Brasil) e alguns convidados alemães.

A partir da narrativa oral do mito da criação (segundo a cultura guarani), alguns educadores do grupo de estudos, particularmente Ute Kraemer e Rotermund Susan sentiram uma afinidade dos valores que a história transmitia com os princípios filosóficos e espirituais difundidos por Steiner. O que foi uma grata surpresa para todos nós. A matriz cultural tupy-guarani, a qual a narração se origina, existe nestas terras pelo menos a 12.000 anos e passou por diversas etapas evolutivas, chegando ao seu apogeu a aproximadamente a 5000 anos atrás. No entanto, depois da chegada dos portugueses, no século XVI, teve início á uma época de desestrutura social, ecológica e cultural, de modo que toda a gama da sabedoria tupi-guarani se fragmentou em algumas etnias em diversos espaços de tempos.

Hoje a tradição tupi-guarani se desmembra em quatro etnias: Nandeva, Mbiá, Xiripá, Kaiowá, se estendendo desde o Paraguai, passando pelos estados do Paraná, no sul do Brasil, e avançando até o sudeste, na região do Estado do Espírito Santo.

A história que finalmente foi trazida para esta versão escrita, é resultado de um longo período de pesquisas e visitas em aldeias do povo guarani que realizei desde o início dos anos 1980. Tudo começou na aldeia guarani de Krukutu, em Parelheiros, São Paulo, em meados de 1987 quando conheci um velho sábio e cacique da época de nome Alcebíades Werá, que se utilizava da arte de contar histórias sagradas para ensinar. Ele acabou me adotando como seu afilhado, me nomeou como parente, e me

tornei seu aprendiz. Depois conheci a aldeia Tenondé Porã, na mesma região, e o Cacique Guirá-Pepó; onde vivi e compartilhei o aprendizado de ensinamentos até o ano de 1992. Tempos mais tarde rumei para o sul, indo parar na aldeia Morro dos Cavalos, em Santa Catarina, buscando a sabedoria ancestral através da oralidade dos velhos.

Em 1994 fui á Assuncion, no Paraguai e conheci os guaranis daquele país, onde também tomei conhecimento da obra de Leon Cadogan, especialista nos estudos da filosofia guarani que transcreveu “Ayvu Rapyta”, os “Fundamentos do Ser”, da expressão oral do pajé Pablo Werá. Adquiri a obra de um autor de origem italiana, de nome Bertoni, intitulada “La civilizacion Guarani”, três calhamaços de volumes que abordavam desde a medicina até a filosofia deste povo, e assim fui tomando conhecimento da profundidade desta tradição.

Neste período, ouvi de modo fragmentado trechos do mito da criação em todos estes lugares. Com o tempo, fui organizando e coletando também várias outras versões, além de colecionar livros de antropólogos e especialistas nesta cultura, como Egon Schaden, Pierre Clastres e inclusive um imigrante alemão que se familiarizou com diversas etnias guaranis, Curt Enkel, que aqui ficou conhecido como Nimuendajú.

Em 1997, comecei a trabalhar na Fundação Peirópolis de Educação em Valores Humanos, e comecei a contar este mito, mantendo o seu estilo oral, para os alunos dos cursos vivenciais que a Fundação promovia. Foram mais de 10 anos contando essa história ao redor do fogo, na área externa do espaço da Fundação, em Mairinque, interior de São Paulo e também em muitos outros lugares. Até o dia em que recebi o convite de Ute Craemer para contá-la em seu grupo de estudos da herança ancestral do Brasil.

Na tradição guarani, além dos fragmentos orais, existem versões cantadas do mito da criação, organizadas em pequenos versos que são entoados nas noites das aldeias, no “opy”, a casa de cantos; em 1998 traduzi um conjunto de versos intitulado TUPÃ TENONDÉ, que foi editado pela Fundação Peirópolis.

Foi após este momento que a versão oral, compartilhada com os educadores, foi traduzida para o alemão, através de Ute Craemer e Rotermund Susan, que também prepararam um grupo da Associação Monte Azul para apresentação no exterior.

Quando o grupo da Associação Monte Azul apresentou este mito em evento no Goetheanum, Universidade Livre da Antroposofia em Dornach, Suíça, o maestro Winfried Vogele compôs uma música para orquestra

sinfônica e cômico e o verteu à língua alemã. Winfried Vogele reuniu-se com cerca de **180 alunos** do quinto ao décimo terceiro ano de classes de duas escolas alemãs da pedagogia Waldorf e desenvolveu em 10 meses, sob sua orientação artística a partir da dramatização do mito tupi-guarani: a orquestra sinfônica, a Eúritmia, o canto e a recitação do mito em questão.

Os integrantes também participaram na concepção e produção de fantasias e na criação de um documentário em vídeo das apresentações e dos bastidores relativos à “tournée” do espetáculo, com integração de depoimentos do público em geral.

Para mim é uma honra ver a sabedoria guarani, que se vela e revela neste mito, sendo adaptada para uma arte tão requintada como a música de orquestra sinfônica. Mas gratificante ainda é saber que está sendo realizada por jovens, que tiveram que tomar contato com a história e os valores que ela transmite.

Agora, também registrada neste livro, esta narrativa poderá servir de estímulo, principalmente às novas gerações, para conhecer um pouco melhor os valores que sustentam as raízes culturais mais antigas desse lugar hoje chamado de Brasil

nos irmana com a sabedoria que vem da Alemanha, tempos atrás, a partir de uma mitologia ancestral que culmina com a profecia do “povo dourado”.

Por fim, esta mitologia, cujo ápice é a profecia do nascimento do “povo dourado” é mais que uma metáfora e não se trata de nenhum sincretismo cultural e nem aculturação, nos termos antropológicos. Trata-se do florescimento de uma geração que tem a oportunidade de acolher as experiências de sabedoria profunda da cada “raça consciencial” na Terra através de uma escuta profunda, sem preconceitos, e extrair daí uma síntese de orientação para o si mesmo e para o grupo ao qual está inserido.

Nesse sentido, o Instituto Arapoty e a Associação Monte Azul embora sejam organizações distintas, que trabalham com um público na condição de carência social, mas que em comum buscam sensibilizar o ser humano para uma consciência mais fraterna e cooperativa, faz desse método um caminho para o nascimento do “povo dourado” de que o mito fala. Uma das ferramentas para chegarmos à qualidade de escuta e acolhimento do “outro” mais profunda, é a linguagem artística e o fazer coletivo. Nesse sentido, este encontro que se dá entre Brasil e Alemanha através de jovens e educadores dos dois países, com o suporte das duas instituições e mais a escola Waldorf com sua pedagogia apropriada, torna esse evento, como diz Ute Craemer, uma obra de arte social, viva, dinâmica, onde sua ação coletiva reverbera como semente potencial de

manifestação do propósito sagrado desta cosmovisão e de uma pedagogia criada por Steiner.

EPÍGRAFE: CANTO DA CRIAÇÃO

Nhanderú Nhamandú tenondé-guá
O yva ra oguero-jera ey mboyve i
Pytu Ae ndoechai
Kuaray oiko ey ramo jepe
O pya jechaka ra ae oiko oikovy
O yvara py mbaekuá-a py
Onembo-kuaray i oiny

Nosso Pai, O Grande Mistério, o primeiro,
Antes de haver-se criado, no curso de sua evolução,
Sua futura morada, sustenta-se no Vazio.
Antes que existisse sol
Ele existia pelo reflexo de seu próprio coração
E fazia servir-se de sol dentro de sua própria divindade.

Pytu yma mbyte re,
Mbae jekuaá cy re,
Ayvu rapyta ra i guero-jera,
Oguero- yvara Nhamandú ru-ete tenondé guá

Antes de existir a Terra, em meio á Noite Primeira,
Antes de ter-se conhecimento das coisas,
Criou o fundamento da linhagem-linguagem humana
Que viria a tornar-se alma-palavra
E assim fez o Grande Espírito, que se formara parte e Todo.

(trecho do canto 2, capítulo 2, de Tupã Tenondé)

A VOZ DO TROVÃO

(mito da criação segundo a cultura guarani)

Naquele tempo, nem antigo e nem passado, porque nem tempo havia, já existia **Nhamandú**. Sua presença é como se uma música infinita desde sempre ecoasse em um ritmo cadenciado, vibrando a luz da vida. Muitos lhe chamam de respiração do sempre-viver. Nhamandú inspira e quando sopra seu hálito, a existência simplesmente acontece.

Uma vez **NHAMANDÚ** inspirou e, quando soprou, nasceu **KUARAY**, de dentro dele mesmo, pleno de brilhantíssima luminosidade. Por sua vez, **KUARAY**, de si mesmo, no seu coração, faz surgir **TUPÃ**, que se põe a dançar e cantar na imensidão de Nhamandú e criando mundos através de seus cantos sagrados.

TUPÃ criou a Mãe Terra, e também muitas outras mães estelares, através de um cantar, na pausa de uma respiração relampejante. Talvez tenha sido um suspiro. Sim, um suspiro divino! Após isso, o espírito da Mãe Terra flutuou na imensidão como uma fumaça que foi assumindo a forma de uma quase serpente, algo como uma fumaça luminosa, que foi se esticando, se esticando, depois foi se contorcendo, se enrodilhando, se encolhendo, se tornando oval, depois foi aos poucos se arredondando e ali ficou, em um giro dançante, talvez azul, talvez prateada, não sei, mas brilhava irradiante!

Adormeceu.

Sonhava. Foi assim, sonhando-se, que a Mãe Terra transformou-se em uma imensa tartaruga estelar. Então Tupã olhou e desenhou em seu corpo as primeiras entidades: montanhas, rios, lagos, nascentes, florestas, desertos e planícies.

Depois disso, Tupã precisava de alguém para continuar o trabalho da criação. Foi assim que Ele sonhou em criar o primeiro ser humano, que na antiga língua dos nossos antepassados foi chamado de **NHANDERUVUÇU**; mas ele era diferente dos homens de hoje. Quando o primeiro ser humano veio, ele não conseguia viver na Terra. Ele era como se fosse feito de vento luminoso, algo assim como um vento que dá pra pegar. Ah, e tinha asas, iguais aquelas dos pássaros, que ainda não existiam. Como ele era muito leve, vivia mais no ar. Então ele foi dizer á Tupã que não conseguia viver sobre a Terra. O Criador pensou e sugeriu

que ele percorresse os quatro cantos do mundo e fosse atrás das entidades, que elas lhes ensinariam.

NHANDERUVUÇÚ flutuou em direção ao Leste que lhe convidava com sua manhã pacífica e encontrou com uma imensa rocha. Ele olhou, olhou, e disse:

- Pedra, você pode me ensinar á viver na Terra?

- Claro, entre em mim.

Tornou-se pedra. Viu-se pedra. Grande rocha que nesse momento passou a se deliciar meditando horizontes...

- Ah! Então é assim que é viver na Terra... – pensou Nhanderuvuçu.

Pensava. Pesado e fixo no chão. Saboreava inúmeras nascentes, até que, um dia; o espírito da pedra lhe disse:

- Pronto.

- Pronto o que? – disse Nhanderuvuçu em êxtase meditativo diante da beleza do horizonte

- Acabou.

- O que é acabou?

- Acabou, acabou, acabou. Vamos... Não é só assim que é viver na Terra. Há muito mais coisas á viver. Vamos, saia, vá viva.

Então ele sai e se dirige ao sul. Lá ele encontra a primeira árvore do mundo. Pindovy. A palmeira ancestral. E ele diz:

- Ei, você pode me ensinar á viver na Terra?

- Sim. Claro. Entre em mim.

Assim ele entrou, tornou-se frondosa árvore. Foi quando sentiu suas raízes bem fundas, captando a umidade e o frescor da terra, e gostou.

- Que coisa boa! – Ele sentiu. Era a umidade das raízes em contato com o chão. Era a verticalidade alta do tronco indo para o alto e se espalhando em uma cabeleira de folhas que dançavam ao sopro do vento. Era muito bom tudo isso! Era sentir-se fixo e alto. Era sentir a ponta das raízes bem no fundo, sendo alimentada pela própria terra. Era o tempo passando nesta postura altiva, ás vezes recebendo sol, ás vezes chuva, ás vezes nuvens. Até que um dia:

- Pronto.

- Pronto o que?

- Pode sair. – disse o espírito da árvore – você já aprendeu comigo. Continue sua jornada, há muitos seres que podem lhe ajudar nesta sua tarefa.

Então Nhandervuçu foi para o norte e encontrou o primeiro animal ancestral, era a onça. Que olhou para ele fixamente e lhe transmitiu uma mensagem:

- Entre em mim. Assim entenderá o que eu sou e saberá o que eu posso.

Nhandervuçu se tornou onça. Estranhou as quatro patas, eram como raízes, mas ao mesmo tempo livres na superfície do chão. Gostou muito. Aprendeu a caminhar. Aprendeu a correr.

De repente, viu que algo mais diferente ainda estava aprendendo, era o cheiro das coisas. Foi caminhando e cheirando, cheirando, cheirando: cheirando a terra, o ar, o dia. Logo mais se pôs a correr e sentiu o vento batendo no rosto... Muito bom!

- Tudo isso eu posso e sou – disse o espírito da onça.

- Muito bom! – disse Nhandervuçu

A onça corria tentando alcançar o horizonte quando resolveu ir em direção á uma montanha ao norte. Foi no pé desta montanha que ela falou:

- Agora siga o seu caminho, pois comigo já aprendeu o que eu sabia. Pode ir.

Nhandervuçu foi. Subiu a montanha. No alto viu uma gruta, que irradiava de dentro dela uma luz prateada que lhe chamou a atenção. Entrou na gruta. Viu lá no fundo a figura de uma serpente, prateada, de onde a luz saía, mas era uma serpente serena... Não representava nenhuma ameaça. Então ele pergunta:

- Você pode me ensinar alguma coisa sobre a Terra?

- Eu sou o espírito da Terra. Sou a protetora das entidades da Terra. Das montanhas. Dos vales. Dos rios. Das florestas. Em todo lugar eu estou.

- Então pode?!

- Sim.

O espírito da Terra esticou sobre o chão e foi recolhendo com seu corpo o barro úmido da gruta. Com ele foi moldando um corpo. Era o corpo humano. Do próprio húmus teceu, modelou, inspirou. No final, com dois pequenos cristais da terra fez os olhos. Por fim ela disse:

- Entre aqui, neste molde, e aprenderá muitas coisas sobre a terra. Aqui tem sua própria essência.

Nhandervuçu entrou e sentiu a verticalidade do molde com as raízes dos pés soltas, era muito diferente. Sentiu cheiro. Sentiu friagem. Sentiu calor. Olhou em volta, foi até a entrada da gruta e foi a primeira vez que ele viu o mundo com olhos de cristal.

- Que lindo o mundo!

- Junto com este corpo que te dei há também meus dons e minhas marcas. Os traços da terra, da água, do fogo e dos ventos. – disse o espírito da Terra.

- E o que faço com estes dons?

- São preciosos! Com estes dons você me ajudará na criação. Com eles dentro de você pode criar o que quiser – disse a serpente espírito.

- De que jeito?

- Estes dons fazem você sentir, sonhar, inspirar...

- Ah!!!

- Mas além disso, há os dons de Nhamandú, de Kuaray e de Tupã. Juntando todas estas qualidades, tudo o que você imaginar poderá se manifestar.

- Como? – perguntou Nhandervuçu.

- Através dos pensamentos e das palavras. Preste atenção no que dizes. Cuidado com a sua fala, pois tudo que disser, assim será.

Após estas recomendações e observações, Nhandervuçu desce a montanha e se põe a andar pelo vale. Seus pés tocam e sentem a suavidade do chão e caminham buscando novas trilhas. O tempo passa pelos seus passos. Até que então ele olha o céu, suspira, e lhe vem na mente uma palavra:

- Arara.

Assim surge a primeira arara no mundo. Azul intenso voando sobre o azul suave. Ele viu e seus pensamentos também voaram e foi falando:

- Araruna. Acauan. Carcará. Parakao. Anum. Guará. Guararema. Guaratinguetá.

Foram muitos nomes e muitos pássaros surgindo no céu dos seus pensamentos e passando a existir no mundo. Depois ele se pôs a olhar para o chão e começou a falar:

- Jacaré. Jararaca. Jararacuçu. Paca. Tatu. Capivara. Saruê. Caxinguelê.

Assim foram surgindo os animais da terra, e muitos outros nomes foram sendo ditos. Nhandervuçu ia andando e falando. Até chegar à margem de um rio, quando ele disse:

- Aruanã...pirarucu...piranha...tambaqui...pirapiré... E foram surgindo os peixes na Terra. Nhandervuçu ficou impressionado e ressabiado. Falou nomes de plantas, de árvores, e muitas coisas passaram a existir.

Sua vida era cantar, andar, falar, sonhar, pensar, imaginar. Até que um dia ele resolve voltar para a gruta. Foi conversar com o espírito da Terra.

- Mãe Terra, vim devolver o corpo e os dons que me deste para viver aqui. – disse Nhandervuçu.

- Não, não precisa devolver. Pode ficar para sempre. – respondeu o espírito da Terra.

- Eu fui pedra, palmeira, onça; e tudo isso deixei de ser e devolvi aos seus donos os corpos que eles me emprestaram. Eu só queria aprender como era viver nestes moldes. Agora queria voltar para o alto. Agradeço o seu presente e seus dons, mas queria entregar.

A Mãe terra então lhe disse que ele poderia ficar com aquele corpo pelo tempo que quisesse e que quando se cansasse poderia fazer uma cova em qualquer lugar, não precisaria voltar á gruta.

Nhandervuçu então desceu. Ele achava que já havia participado o suficiente da criação. Animais da terra, pássaros, peixes, coisas e coisas já viviam pelo mundo. Caminhou em direção ao rio, lhe chamou a atenção uma cachoeira no final da curva e foi por ali se banhar. Após um mergulho, ficou de pé diante de um poço cristalino e foi quando viu através do espelho das águas a sua própria imagem e disse:

- CUNHATAÍ-PORÃ!

Ele não sabia que era a sua futura companheira, mas quando ele falou estas palavras surgiu a primeira mulher.

Ela se ergueu prontamente das águas e lhe fez companhia.

A mulher ergueu-se das águas em um dia pleno de céu azul, de modo que seu corpo foi se modelando de uma luz que a tornou morena, de tons avermelhados.

- O que posso fazer por aqui? – disse ela.

- Ajudar a criar a vida na terra. – disse ele.

- Como?

- Através da inspiração de Tupã, uma inspiração que vem límpida como o céu. E através dos dons da Mãe Terra.

Nhanderuvuçu e Cunhatay puseram-se então a caminhar juntos. Ela olha para o rio e diz:

- Você criou somente peixes cinzentos, é preciso por mais cor neste mundo das águas.

Cunhatay passa a recitar muitos nomes de peixes coloridos, enfeitando várias nascentes e pequenos rios com sua criação.

Cunhatay olhou a floresta e criou alguns insetos coloridinhos e pintadinhos, como: a Joanelha, o Louva-a-deus, a Borboleta, a Esperança,

Até que chegou um dia que se tornou inesquecível na memória da alma de muitas tribos futuras, através de muitos cantos e danças, quando Cunhatay falou para Nhanderuvuçu:

- Seria bom se tivesse mais gente neste mundo! Vamos fazer isso?

- Como? – disse Nhanderuvuçu.

Então ela vai á floresta, pega uma semente de cada árvore, põe em uma cabaça e fecha com um pedaço de pau e faz a primeira maraca. Cunhatay chacoalha e canta vários sons e as sementes viram crianças. Essas sementes eram de quatro cores: vermelhas, amarelas, negras e brancas. Algumas eram de frutos da terra, outras foram trazidas pelos ventos; algumas ainda tinham o poder do fogo dentro de si e outras o poder das águas.

Quatro povos se formaram. Todos nascidos das sementes da natureza, como parte da mesma tribo, a nação humana. Nhandervuçu e Cunhatay ensinaram á eles a sabedoria da Terra e do Céu, enquanto iam crescendo e povoando o mundo.

Houve um tempo em que Nhandervuçu se cansou de andar pela Terra Mãe, mas não queria ficar muito longe de suas sementes gente. Assim, transformou-se em Kuaracy, o sol.

Cunhatay, tempos depois, transformou-se em Jacy, a lua, e acompanha o povo e todos os seus descendentes deste então, olhando-os nas noites claras e escuras.

Quatro filhos, Nhanderykei , Juruá, Yubá e Kambé continuaram o caminho dos pais, que haviam se tornado sol e lua, cuidando da aldeia ancestral.

Em um antigo entardecer, depois de Juruá mirar docemente o poente, surgiu a curiosidade e o desejo de ir em direção até aquele mistério de cores, que começou a ser chamado de “o outro lado do mundo”. Para isso tinha que a atravessar um rio. Juruá não queria ir sozinho. Chamou todos da aldeia. Foram alguns. Então os seguidores de Juruá atravessaram o rio e sumiram na luz do poente.

Tempos depois, estava Yubá em sua canoa, quando teve o desejo de conhecer o mundo além das nascentes que seus olhos viam. Acabou reunindo um pequeno grupo e rumaram para o sul.

Kambé gostava de abrir caminhos e fazer trilhas. Tinha criado com seus amigos todas as trilhas necessárias para a aldeia. Havia uma que levava ao rio. Havia outra que levava á montanha. Havia ainda outra que levava ao interior da mata. E havia muitos caminhos que circulavam a aldeia. Um dia Kambé teve um sonho de abrir caminhos muito distantes. Juntou seu grupo, e assim foi.

Nhanderykei, o mais velho, ficou e com seu grupo, preservou os ensinamentos primeiros. Continuaram vivendo em casas comunitárias, circulares, que ganharam o nome de ocas.

Viviam modelando barro e criando formas; usando ás vezes sementes, cipós, folhas e transformando-os em utensílios, artesanatos, coisas. Construindo ocas, malocas, tabas.

Um dia, a Tijary, que era a companheira de Nhanderykei, lhe procurou para revelar um sonho. Ela estava muito ansiosa, pois tinha no

sonho muito sofrimento, mas também tinha libertação, e indicava uma linda primavera do povo da Terra.

Ela sonhou que muito tempo havia se passado, até que Juruá voltou com seu grupo e as suas criações: espelhos, espingarda, trabuco, revólver, canhão, bomba, machado, faca. Foi tanto tempo que se passara que Juruá havia se esquecido de que aquela aldeia era a sua origem e que aquelas pessoas que ali habitavam também eram irmãos. Kambé também voltou, com muito mais gente do que tinha saído, mas também não se lembrava de que ali tinha sido o seu lugar de origem. Yubá chegou do céu, em máquinas voadoras, com muita gente voadora, mas também sem se lembrar de que um dia tinha nascido ali. Até que o irmão mais novo feriu o irmão mais velho com uma flecha, e a guerra se instalou entre todos. Foi quando o Sol e a Lua se encontraram no céu, Kuaracy e Jacy, se abraçaram e choraram muito. Choveu lágrimas na Terra. Foi então que Tupã trovoou e falou:

- Vocês todos são sementes da mesma floresta, que possui raiz no mesmo chão, que é alimentada pelo mesmo sopro e a mesma luz do céu. Vocês não se encontraram novamente para brigar, mas para amar, para partilhar suas experiências, suas vidas, suas sabedorias. E uma vez partilhada a sabedoria da semente vermelha, a da semente amarela, a da semente negra e a da semente branca; um novo povo nascerá. O povo dourado. O povo que vai nascer da união das quatro sementes.

Quando Tupã disse isso, a chuva parou. A Terra molhada tinha um aroma de novo tempo.

Foi então que o irmão mais velho disse para a sua companheira:

- Vamos plantar esse sonho nesta terra. Até que ele floresça.

Foi assim que aconteceu. O sol nasceu na aldeia, vindo de um oriente dourado. A primavera brevemente iria chegar.

TRADUÇÃO EM ALEMÃO VERSÃO RASCUNHO

DER SCHÖPFUNGSGESANG!

Das spirituelle Erbe der brasilianischen Guarani-Indios

Mündlich überliefert von Kaká Werá Jecupe! Ins Deutsche übertragen von Ute Craemer und Susanne Rotermund

In Urzeiten war Namandu. Er zeigte sich in Sonnen-Gestalt mit unzähligen Strahlen. Wir Menschen sind einer seiner Strahlen. Die Sonne gibt uns Kraft und Nahrung. Aus Namandu, dem großen Mysterium der All-Einheit, ging Kuaracy hervor, die Zweiheit, das mütterliche Gottesprinzip. Aus beiden entstand Tupa, die Dreiheit. Er schuf die Erde durch des Wortes Macht und zeichnete Berge, Flüsse und Seen in die Erde, den Tupa, der allmächtige Schöpfer, kümmerte sich um die großen Dinge des

Weltgeschehens und erwählte dann den Menschen, um die Schöpfungsarbeit auf der Erde fortzusetzen. Er nannte ihn Tupamirim, Sohn der Drei – unser erster Vorfahre. Als dieser auf der Erde ankam, konnte er dort nicht leben, denn er war zu leicht, eine Lichtgestalt, beflügelt ähnlich einem Vogel. So schickte ihn Tupa in die vier Himmelsrichtungen der Erde um Weisheit zu erlangen. Tupamirim ging von Sonnenaufgang zu Sonnenuntergang, traf auf einen Stein und sprach: „Stein, lehre mich, wie ich auf der Erde leben kann.“ Der Stein antwortete:

„Finde dich in mir.“ Und im Stein seiend lernte er zu bestehen. Nach einer langen Zeit schickte ihn der Stein fort um Weiteres zu lernen. Und Tupamirim ging in Richtung Süden und traf auf den ersten Baum, ein Palme, und

fragte: „Baum, lehre mich, wie ich auf der Erde leben kann.“ Und der Baum antwortete: „Finde dich in mir.“ So vermischten sie sich und wurden eins. Tupamirim fühlte sich zum ersten Mal

verwurzelt. Nach einer langen Weile sagte der Baum: „Du hast alles gelernt, was ich dich lehren konnte, suche dir weitere Lehrer.“ Tupamirim ging nach Norden und traf das erste Tier, einen Panther. Auch in ihm fand er sich, und im Panther seiend roch er zum ersten Mal die Erde, atmete die Luft und durchstreifte die Wälder. Und als er dies alles gelernt hatte, sprach der Panther: „Gehe deiner Wege.“ Und er kam zurück zum Osten und fand einen Berg. Auf dem Gipfel entdeckte er eine Höhle, aus der Licht strahlte. Tupamirim stieg empor in die Höhle und bemerkte ein silbernes Licht von einem Schlangwesen ausgehend. „Kannst du mich lehren auf der Erde zu leben?“ Und die Schlange antwortete: „Ja, das kann ich: ich bin der Erdgeist, die Mutter Erde.“ Und indem sie sprach, begann sie aus Lehm

und Wasser einen Körper zu formen und setzte zwei Kristalle als Augen hinein. So entstand der erste menschliche Körper. „Finde dich in diesem Körper hinein, so wirst du viel über die Erde lernen“, sprach sie und fügte hinzu: „Geh und schau.“ Und Tupamirim lief das erste Mal auf zwei Beinen, beschaute die Welt aus Kristallaugen und war voller Verwunderung über ihre Schönheit. „Mit dem Körper verfügst du auch über meine Gaben, die der Erde, des Wassers, der Winde und des Feuers. Mit ihnen wirst du mir helfen, neue Formen auf der Erde zu erschaffen, solche die du willst.“ Und sie fügte hinzu: „Außer diesen vier Erd-Gaben verfügst du auch über die Mächte Tupas, und so bist du frei.“

„Was heißt das, wo sind die Mächte Tupas?“ fragte Tupamirim und die Schlange antwortete:

„Deine Worte und deine Gedanken sind deine Macht. Gib acht auf das, was du denkst und sprichst. Was du denkst und sprichst, das schaffst du.“

Und so stieg Tupamirim den Berg hinab, beschenkt mit den Gaben der Erde und des Himmels. Als bald versuchte er seine Gaben und sprach: „Arara.“ So entstand der erste Papagei. „Anu“, „Uruquera“ – es entstanden weitere Vögel und Tupamirim sah, dass sein Wort wirklich Macht hatte, und fuhr fort, mit seinen Worten und Gedanken zu schöpfen: „Jacare“, „Tatu“, „Peca“. So entstanden die Tiere, die auf der Erde und im Wald leben und ferner die Fische in den Flüssen: „Aruana“, „Pirarucu“. Und immer weiter schuf er, auch die Pflanzen und Bäume. Er war beeindruckt und zugleich etwas furchtsam.

Nach langer Zeit ging er zurück zur Höhle und sagte: „Mutter Erde, ich komme um dir den Körper und die Gaben zurückzugeben, mit denen ich auf der Erde gelebt habe.“

Doch sie antwortete: „Du brauchst sie mir nicht zurückzugeben, du kannst sie für immer behalten.“ Er erwiderte: „Ich war Stein, war Pflanze und Tier und alles ließ ich hinter mir. Ich habe so viel gelernt und möchte zu meinem Vater zurückkehren.“ Da antwortete die Mutter Erde, dass er seinen Körper so lange behalten könne, wie er wolle, und dass er, wenn er seiner müde würde, ihn einfach in eine Grube ablegen möge. Dies könne an jeglichem Ort geschehen, er bräuchte nicht zu ihr zurückzukehren.

Bis heute ist das so.

Tupamirim stieg den Berg wieder hinab, und da alles geschaffen war, ging er zu einem kristallklaren Wasser, erblickte sich zum ersten Mal im Spiegel des Wassers und rief aus: „Mavuzimim!“ Das bedeutet „wie wunderschön!“ So entstand die erste Frau, ihr Name war Mavuzimim. Sobald sie aus dem Wasser geboren war, zeigte er ihr die vollendete

Schöpfung und lehrte sie alles. „Es gibt nur große Tiere, und die sind alle grau und braun“, wunderte sie sich und rief aus: „Panamby“ – Schmetterling! „Mainumby“ – Kolibri! Und so fuhr sie fort und nannte alle Namen der kleinen, bunten Tiere, auch die der köstlichen Früchte und duftenden Blumen. So trug sie auf ihre Weise zur Schöpfung bei.

Da meinte sie, es wäre schön, wenn es noch mehr Menschen auf der Erde gäbe, und ging in den Wald und sammelte Samen aller Bäume, in allen Farben, legte sie in einen trockenen Kürbis und schloss diesen mit einem Zweig. So entstand die erste *Marasca* [Rassel brasilianischer Indios]. Diese schüttelte sie, sang dazu, und aus den Samen entstanden lauter Kinder, in allen Farben: rot, braun, gelb, weiß ... das waren unsere Vorfahren, der erste Stamm. Tupa mirim lehrte sie alles, was er wusste, über die Schöpfung, die Gaben der Erde und des Himmels und über die Bedeutung und Macht der Sprache und Gedanken. Nach einer Weile beschloss Tupamirim in seine Heimat zurückzukehren. Er übergab seinen Körper Mutter Erde zurück und sein Geistwesen kehrte in den Himmel zurück. Dort wurde er zu unserer Sonne und von dort schaut er

auf seine Kinder und Enkel. Nach einiger Zeit legte auch Mavuzimim ihren Körper ab und ihr Geistwesen wurde zu unserem Mond. Sie begleitet uns nachts, Tupamirim am Tage. Sonne und Mond sind unsere ersten Vorfahren am Himmel. Die beiden erstgeborenen Kinder des Stammes wurden zu *caciques* [Führern]. Nach einiger Zeit wollte der Jüngere von ihnen die Welt auf der anderen Seite des großen Wassers kennenlernen und es kam zu einem Streit zwischen den Brüdern. Im Stammesrat kam es zu dem Entschluss, dass die Hälfte des Stammes mit dem Älteren bleiben und die andere Hälfte mit dem Jüngeren ziehen solle. Also Diese überquerten sie den großen Fluss und zogen fort verschwanden. Der Ältere

blieb und pflegte die Traditionen, das Leben im Wald, den Anbau von Nutzpflanzen, die Jagd, den Fischfang und das Handwerk. So vergingen viele, viele Jahre. Einst träumte er in einer Vollmondnacht, dass sein jüngerer Bruder zurückkehren werde. Doch kam dieser mit Waffen, Streit und Kriegeren zurück. Er hatte die Erinnerung an seine Herkunft verloren und erkannte weder Stamm noch Bruder sondern und erschlug den ihn. So geschah es. Es war der erste Mord auf Erden. Er unterwarf den Stamm, und bis heute ist es so, dass seine Nachfahren in Streit und Unstimmigkeit leben und die

Zurückgebliebenen beherrschen.

Eines Tages träumte Tijary, eine alte weise Frau, vom Ende dieser Schreckenszeit. Im Traum schaute sie zurück, wie einst die eine Gruppe des alten Stammes das große Wasser überquert, und sich in weitere Gruppen geteilt und verschiedene Gebiete der Erde bevölkert hatte. Daraus wurden die schwarze, die gelbe und die weiße Rasse. Und Tijary sah in ihrem Traum die Menschen dieser drei Rassen heimkehren zu denen, die zurückgeblieben waren, zur roten Rasse. Und weiter schaute sie, wie die Begegnung der vier Rassen zunächst zu einer großen Verwirrung führen wird, doch dass nach dem Umlauf des.

POSFÁCIO - PARA SABER MAIS:

O QUE É A ASSOCIAÇÃO MONTE AZUL

A Associação Comunitária Monte Azul foi fundada pela pedagoga antroposófica alemã Ute Craemer. Depois de um período de trabalho voluntário, na humanização de favelas no Paraná (1965), Ute estabeleceu-se em São Paulo (1971), como professora da Escola Waldorf Rudolf Steiner.

Em paralelo, iniciou um trabalho de educação com as crianças da favela Monte Azul, localizada na zona sul de São Paulo, recebendo-as em sua própria casa.

De forma natural, como concretização de suas convicções, o ideal da educadora Ute ganhava forma: criar uma ponte entre realidades sociais diferentes, como um caminho possível para melhorar o mundo.

Foi esta motivação que a fez fundar a Associação. É a mesma que a estimula sempre e todos os dias, em suas destacadas atividades dentro do cenário mundial da educação e, atualmente, como Conselheira do Grupo de Metas - responsável pela gestão da Associação Comunitária Monte Azul.

O QUE É O INSTITUTO ARAPOTY:

O Instituto Arapoty é uma organização social, fundada em 1998, que trabalha com a difusão de valores e dos saberes da cultura indígena do Brasil.

Atua também em ações transversais na área da educação, geração de renda e desenvolvimento de projetos sustentáveis em comunidades tradicionais.

Utiliza-se das linguagens artísticas como ferramentas de sensibilização para jovens em relação ao respeito á diversidade de culturas e povos.